

CONSTRUÇÃO LEXICAL DE TERMOS MISÓGINOS NO FACEBOOK: A FORMAÇÃO DE UM DISCURSO SEXISTA / LEXICAL CONSTRUCTIONS OF MISOGYNOUS TERMS ON FACEBOOK: THE CONSTRUCTION OF SEXIST DISCOURSE

Jamile Maria Silva*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo realizar o levantamento de termos de cunho machistas e sexistas usados em comentários de páginas no *Facebook*, os quais são responsáveis pela desqualificação do movimento feminista por meio da construção de estereótipos misóginos. Nosso intuito é oferecer estratégias de (re) conhecimento que exerçam ações de contrapoder e contraideologia: práticas de resistência à opressão social. Para tanto, buscamos focar as construções lexicais partindo da tríade: discurso-cognição-sociedade, postulada pelas teorias de Van Dijk (2008) em que nos permite inferir que os estudos críticos do discurso não estão meramente interessados em qualquer tipo de poder, mas, em especial, no abuso de poder. Metodologicamente, propusemo-nos a investigar quatro páginas do *facebook*, de ideologia antifeminista, das quais foram retiradas a materialidade linguística pertinente ao nosso estudo, compreendido, entre o período de junho de 2016 a maio de 2017. Entendemos que tais páginas e seus seguidores nos colocam frente à necessidade de discutir as implicações sociais que perpassam o indivíduo mediante a uma determinada cultura. Reconhecemos a importância de se fazer uma abordagem que correlacione sujeito e sociedade, para que assim, não somente, as estruturas do discurso sejam descritas, mas também explicar como elas se colocam em funcionamento nos meios de interação. Dessa forma, levando em consideração o contexto, categorização e triagem do corpus, buscou-se, avaliar a estratégia semântico-discursiva responsável pela manipulação de modelos mentais e de eventos sociais, que abarcam uma parcela significativa da sociedade, tendo em vista o grande número de receptores e usuários do *facebook*.

PALAVRAS-CHAVE: *Facebook*; Feminismo; Manipulação e Poder.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the sexist terms used in comments on Facebook pages, which are responsible for the disqualification of the feminist movement through the construction of misogynist stereotypes. Our aim is to offer knowledge strategies that exercise actions of counter power and counter ideology: practices of resistance to social oppression. For this, we seek to focus the lexical constructions starting from the triad: discourse-cognition-society, postulated by the theories of Van Dijk (2008) in which allows us to infer that the critical studies of the discourse are not merely interested in any type of power, but, in particular, in abuse of power. Methodologically, we set out to investigate four facebook pages, of antifeminist ideology, from which we withdraw the linguistic materiality pertinent to our study, understood, between the periods from June 2016 to May 2017. We understand that such page and their followers in place the need to discuss the social implications that permeate the individual through a given culture. We recognize the importance of making an approach that correlates the subject and society, so that not only the discourse structures are described but also explain how they are put into operation in the means of interaction. Thus, taking into account the context, categorization and triage of the corpus, we sought to evaluate the semantic-discursive strategy responsible for the manipulation of mental models and social events, which cover a significant part of society, considering the large number of recipients and facebook users.

KEYWORDS: *Facebook*; Feminism; Manipulation and Power.

* Licenciada em Letras Português/Inglês pela Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UAST/UFRPE. Serra Talhada – PE – Brasil. E-mail: millyenik28@gmail.com.

Introdução

A produção de um discurso pressupõe um processo cognitivo no qual as relações semânticas da língua vão sendo desenvolvidas na medida em que seus interlocutores interagem no âmbito social. Essa interação revela a posição e o papel simbólico que cada sujeito assume frente à determinada situação.

Atualmente o campo midiático é um dos vetores de maior propagação discursiva, atingindo boa parte de pessoas que interagem através de determinados meios comunicativos. Entre estes, o *facebook* desponta como sendo a principal ferramenta no contexto virtual de interação ao lançar mão de diversos mecanismos e estratégias que envolvem aspectos verbais e visuais responsáveis pela potencialização atribuída ao plano discursivo.

Neste artigo o objetivo é realizar o levantamento de léxicos que estão sendo construídos a partir desse contexto virtual de conversação. Tal análise nos revela uma posição sexista responsável pela propagação do discurso de ódio contra mulheres, militantes da causa feminista, através do emprego de termos misóginos.

Posto assim, o presente trabalho será dividido nas seguintes seções: a primeira que faz uma breve abordagem sobre o movimento feminista, seguida da segunda seção, sobre a qual versa ponderações teóricas acerca da análise crítica do discurso e sua relação com a abordagem funcionalista de fenômenos lingüísticos. E, na terceira parte, segue a discussão e análise dos dados, em que propusemo-nos a investigar cinco páginas do *facebook*, de ideologia machista, das quais foi retirada a materialidade linguística pertinente ao nosso estudo, compreendido, no período de junho de 2016 a abril de 2017. São elas: *O retrógrado; Ou você é mulher ou, você é feminista os dois não dá! Thaís Azevedo; loira opressora; Toda dia uma fêmea diferente passando vergonha 4.1*. Todavia, devido à queda recorrente dessas páginas por motivos de denúncia, houve a necessidade de delimitarmos esta pesquisa apenas nas duas primeiras. Focamo-nos em algumas construções lexicais, presentes nos comentários, as quais nos permitem avaliar a similaridade do discurso praticado entre perfis sociais de grupos antifeministas, bem como o emprego linguístico ideológico de tais termos.

Nosso foco será, sobretudo, os espaços que se manifestam em lugares privilegiados para o alcance do controle da “grande massa”, entre eles: o *facebook* e suas *fanpages*. Todavia, cumpre fazer saber que os processos de análise de tais meios dar-se-ão, detalhadamente, na terceira seção por meio da análise do corpus deste artigo.

Salientamos, ainda, que a ACD abrange em seu campo, estudo sobre as diversas semioses: gestual, verbal, visual, corporal, etc. Entretanto, para a presente pesquisa, evocamos nossa atenção para a influência do contexto enunciativo sobre os fatores linguísticos, elencando, assim, as construções linguístico-discursivas oriundas de um determinado meio social. Deste modo, descartaremos, a princípio, a análise imagética dos dados colhidos e focaremos nas disposições textuais do campo discursivo. (comentários das *fanpages*). Desta maneira, para melhor fundamentar a dualidade existente entre o linguístico e o social, partiremos, agora, à explanação sobre as vertentes teóricas que vêm modificando os axiomas dos estudos linguísticos, e sobre as quais falaremos mais detalhadamente ao longo deste trabalho.

1. O levante feminista e a luta contra o patriarcado

O papel social da mulher é delimitado desde os primórdios da civilização com marcas de submissão e opressão frente à supremacia masculina que se manifesta de diferentes formas e em distintos estratos sociais. Assim, para melhor entendimento dos fenômenos abordados ao decorrer deste artigo, cabe-nos inicialmente abordar os aspectos relevantes que protagonizam a luta feminista contra um sistema opressor.

As práticas discriminatórias desse sistema são legitimadas através de ideologias políticas, filosóficas, culturais e religiosas, que atendem a um determinado grupo social que enuncia uma marginalização da mulher enquanto parte constituinte da sociedade, desrespeitando seus direitos e invalidando-a como indivíduo, ser racional pensante e autônomo.

A tal grupo, doravante patriarcado, atribui-se a crença de superioridade masculina que perpassa a cronologia limitando o papel do “sujeito mulher” à condição inferior ao homem. Como resultado a esta cultura patriarcalista, a existência feminina é reduzida a estereótipos de objetificação perpetrados em campos discursivos que vão desde os compêndios literários da antiguidade até os mais informais meios de conversação contemporâneos transformados em mecanismos de opressão a serviço de uma sociedade excludente que legitima tais práticas a fim de reforçar sua hegemonia. Assim, por meio deste trabalho, buscamos avaliar as estratégias, que foram e são empregadas por determinados grupos dominantes, usadas como recursos para invalidar a causa.

É sabido que a luta pelos direitos de uma minoria afeta diretamente aqueles que estão no poder, fazendo com que toda e qualquer manifestação que reivindique direitos básicos seja vista como uma ameaça à ordem social. O movimento feminista visa interferir diretamente nesses padrões pré-estabelecidos, provocando uma reflexão que leve a ruptura do contrato social firmado através do assujeitamento da mulher a uma sociedade machista que subjaz sua existência e reforça a ideologia de inferioridade. Assim sendo, a querela feminista esbarra no silenciamento imposto pelos diversos segmentos sociais que visam manter sua posição de liderança pautada no patriarcado.

O Feminismo se consolidou como um discurso de caráter intelectual, filosófico e político que busca romper os padrões tradicionais lutando contra a opressão e disparidade de direitos existentes entre homens e mulheres.

Alguns historiadores datam a organização política do feminismo como sendo dividida em três períodos da história, próximos entre si, porém com ressalvas pertinentes a cada fase, as quais são denominadas por “ondas”. Conforme consta na historiografia a primeira onda contesta às diferenças discriminatórias e insustentáveis entre homens e mulheres; servindo de “base” para os embates traçados na segunda onda, em que a sexualidade e autonomia feminina são os temas centrais.

A terceira, e atual, onda feminista foi a responsável por inserir, não só a distinção entre os sexos, mas também, as várias distinções de raça, classe, e gênero existentes entre as próprias mulheres.

A culminância histórica de todos os processos construtivos do movimento feminista nos permite analisar a sua atual conjuntura como sendo a mais completa, com diferentes enfoques em termos de pluralidade dentro do movimento e, também a onda que tem sofrido mais ataques por parte do sistema dominante patriarcal. Isso porque, o termo “feminismo” passou a ter abrangência em diferentes esferas sociais, dentre elas, e um dos meios mais importantes, tal qual aponta Lévy (1999.p.17) é, o *ciberespaço* “O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga”, o qual eleva a querela feminista a um alcance maior de problematização.

A internet é a base estruturante das novas relações que compõem a sociedade em rede e, os temas que são direta ou indiretamente disseminados por ela, interferem no pensamento humano e nas atitudes de seus usuários. Com isso, o meio virtual torna-se palco para militância de vários movimentos sociais, sejam eles de esquerda ou de direita,

que vislumbram disseminar suas ideologias em busca de adeptos que partilham dos mesmos pensamentos.

Nesse processo evolutivo de comunicação o movimento feminista busca alicerçar suas pautas por meio de plataformas virtuais que permeiam o universo em rede. O uso dessas plataformas permite que informações sobre as mais diversas vertentes do feminismo sejam cunhadas e debatidas juntamente com pessoas do mundo todo, possibilitando a estas a adesão ao movimento. Com a internet, nesse sentido, o movimento feminista encontrou uma nova frente para sua ação, a qual se tornou o meio por excelência para potencializar as lutas da esfera pública; tornando, assim, uma importante ferramenta de combate ao sistema patriarcal.

Entretanto, da mesma forma que a internet, como ambiente livre e aberto, permite a ascensão de movimentos sociais como o feminismo, ela, também possibilita que determinados grupos o ataquem livremente, o que condiciona a proliferação de termos misóginos na rede, construídos com a intenção de desqualificar e deslegitimar as mulheres, sobretudo, feministas.

Acerca da construção ideológica desses termos e sua popularização por meio das ferramentas virtuais de comunicação, falaremos nas próximas seções.

2. Análise Crítica do Discurso: considerações de base para as discussões presentes

A análise Crítica do Discurso (doravante ACD) surge em meados da década de 70, mais especificamente na Escola de Frankfurt, em que os estudos do discurso transitam entre análises de linha francesa, e a necessidade de discutir as implicações sociais que perpassam o indivíduo frente a uma determinada cultura. Nesse viés, surge a importância de se fazer uma abordagem que correlacione sujeito e sociedade, dando início aos estudos críticos do discurso, momento em que teóricos como Van Dijk (2008: 54) vislumbram não só descrever as estruturas do discurso, mas, também explicá-las tal como elas se colocam no meio social. Assim,

A análise das estruturas de poder permite-nos arrolar outras categorias relevantes, especificamente aquelas dimensões do poder que podem ter algum impacto sobre o discurso e sobre suas estruturas: as várias instituições de poder, as estruturas internas de poder dessas instituições, as relações de poder entre os diferentes grupos sociais e a abrangência

ou domínio do poder por (membros de) essas instituições e grupos. [...] elas também se manifestam nas várias estruturas de escritas e falas “poderosas.” (VAN DIJK 2008, p. 54).

Os precursores da ACD procuram focar suas análises nas formações ideológicas compreendidas no contexto do discurso de modo a avaliar os fatores cognitivos e sociais materializados por meio deste; operando com uma abordagem de discurso em que o contexto exerce um papel fundamental.

Para Van Dijk (2008a, p. 119) conceito de contexto foi remodelado a partir de uma perspectiva cognitiva em que, segundo ele as estruturas discursivas não devem ser analisadas tão somente em suas categorias linguísticas, os quais o teórico chama de micronível, mas, também, na sua relação com o externo: o macronível social ou estruturas sociais, tal como: família, escola, corporações midiáticas, instituições governamentais, posição de poder e movimentos sociais.

A análise das estruturas discursivas, aliada a compreensão de discurso como prática social, nos permite avaliar as estratégias de manipulação usadas por determinado grupos em detrimento de outros.

É nesse ponto que recai o cerne da questão crítica dos estudos do discurso: entender, desvendar e revelar as estratégias de manipulação dos modelos mentais que condicionam e corporificam as atitudes dos sujeitos na sociedade, levando-nos a identificar as possibilidades de mudanças ainda não concebidas ou concebidas parcialmente.

Em geral, trata-se de estudar a língua com vistas para as relações de poder que ela produz e reproduz. Na visão de Van Dijk, “a dominação cobre igualmente os vários tipos de abuso de poder comunicativo [...], tais como a manipulação, a doutrinação ou a desinformação” (2008, p.28). Logo, a análise não se delimita, tão somente ao linguístico, mas também a todos os fatores que permeiam o campo comunicativo e que de alguma forma interferem no processo de significação social.

Em tese o conjunto de palavras compartilhadas por determinados grupos, revelam o posicionamento ideológico refletido nas escolhas lexicais de seus usuários.

Dessa forma, falemos, então, dos mecanismos linguísticos que ativam o discurso, sob o viés da morfologia.

2.1 Morfologia lexical e composição discursiva

Considerar o texto como uma unidade pormenorizada de análise envolvendo discurso, cognição semântica e ideologia, requer que compreendamos sua estrutura nos mais diversos níveis, entre eles, e o que para o nosso estudo torna-se o mais pertinente, é o viés morfológico das formações de novos léxicos. Isso porque nossa pesquisa requer observação analítica das estruturas de formações juntamente com o contexto em que elas se apresentam, para que assim possamos entender como a formação de novos léxicos torna-se mecanismo de opressão através do discurso.

Os atuais estudos em morfologia versam sobre uma abordagem funcionalista em que a língua não deve ser desvinculada de sua comunidade devendo, assim, ser objeto de análise juntamente com os elementos culturais e sociais que a cercam. Desse modo, “os objetos de estudo da morfologia seriam então a palavra, o morfema e o grupo de palavras (composição sintagmática ou locução), incluindo o objeto de estudo desse nível analítico uma parte da relação entre palavras” Flôres e Vernes (2004.p. 52).

Consequentemente a predominância da formação de palavras no português brasileiro não se restringe apenas aos processos aglutinativos, isto é, com fenômenos que envolvem adição de morfemas, mas também englobam o que chamamos de processos não concatenativos (SÂNDALO 2001) os quais agem para ampliar o vocabulário de uma língua ou para expressar carga emocional variada.

Neste estudo os termos investigados apresentam-se, em sua maioria, através de formas truncadas, mescladas e de expressões lexicalizadas. A esta última, compreendemos por: junção de lexias isoladas que ao serem lidas em conjunto perdem seu valor unitário e passam a ser apreendidas como um todo. (detalharemos o nível dessa junção na análise do *corpus*) “Um item lexical é uma forma linguística que um falante nativo conhece, reconhece ou utiliza. O conjunto de entrada de uma língua forma seu léxico”. Vernes e Flôres (2004.p. 40). Assim, os léxicos são dispostos de modo a permitir que os processos de formação de novas palavras envolvam mecanismos individuais e coletivos de significação.

As pesquisas gramaticais de cunho funcionalistas visam preferencialmente a análise do significado (semântica). O objetivo não é focar somente na palavra isolada, mas, sim, proceder a investigação desta em relação com o seu contexto de uso. À vista disso, salientamos a importância de reconhecer que cada época compõe seus construtos linguísticos escolhendo formas preferenciais que se tornam mais aceitáveis ou menos

aceitáveis de acordo com a comunidade social e cultural em que elas são empregadas. E, essas escolhas são ideologicamente marcadas.

Segundo Biderman (2001, p.15) o léxico constitui um sistema aberto, sendo, pois, nossas escolhas e criações lexicais pautadas tanto aspectos morfológicos quanto em aspectos que envolvem a semântica lexical. Entendemos que essa relação entre gramática e semântica não constitui estrutura fixa, mas sim de origem interpretativa, uma vez que construímos essa conexão através do contexto de uso. As possibilidades de escolha e organização lexicais diante de determinado contexto de atuação atendem às predisposições sintagmáticas e paradigmáticas, em que estas referem-se a interdependência existentes entre significado formal e significado semântico e aquelas correspondem à realização dessas ocorrências.

Assim, desde o nível mais cristalizado – o fonológico -, seguindo-se a construção de palavras e de frases até os textos, atuam dois procedimentos básicos: a seleção e a combinação. A seleção ou escolha tem a ver com o paradigma e a combinação, com o sintagma. O uso desses dois procedimentos não é aleatório e nem independente. Um influencia e é influenciado pelo outro. (VERNES E FLÔRES, 2004, p. 56).

À vista disso, cumpre-nos esclarecer que a opção por uma perspectiva morfológica-lexical, atrela-se a nossa pesquisa por entendermos que a investigação de fenômenos linguísticos à luz de uma abordagem funcionalista nos direciona a entender os mecanismos de compreensão e formação de palavras sobre os mais diversos vieses, morfologia, lexicologia, semântica, etc. Todos eles aliados ao grande sistema de significação da língua composto por estudos linguísticos, ideológicos e discursivos.

Desta maneira, passemos, então, ao próximo capítulo e a procedência metodológica dos dados coletados.

3. Investigação e análise metodológica dos dados

A pesquisa foi centrada no campo etnografia virtual por meio da ferramenta *facebook*. Tal escolha justifica-se pelo considerável alcance populacional que esse meio comunicativo atinge. Segundo fontes do site oficial do *facebook*, estima-se que aproximadamente dois bilhões de pessoas estejam conectadas através da plataforma, o que corresponde a 25% da população mundial. Tendo em vista a importância desse fato,

direcionamos, nesta seção, nosso objeto de análise, para a construção de termos misóginos, e as implicações linguístico-discursivas que tais termos acarretam na construção do estereótipo da mulher feminista.

Para realizar a proposta que nossa pesquisa vislumbra, focamo-nos em alguns aspectos metodológicos, os quais conduzem este estudo aos resultados aqui presente.

Primeiro decidimos como unidade de análise o gênero “comentários” da plataforma digital *facebook*, especificamente de *fanpages* dispostas na rede social, sobre as quais determinadas posições ideológicas são compartilhadas por membros comuns a grupos sociais particulares. As páginas foram escolhidas de acordo com a ideologia que elas refletem sobre as implicações sociocognitivas de seus usuários; e após análise de cinco páginas distintas, houve a necessidade, como já mencionado na introdução deste artigo, de delimitarmos nossa pesquisa em apenas duas: a saber: (1) *O retrógrado*; (2) “*Ou você é mulher ou você é feminista, os dois não dá*”.

As *fanpages* selecionadas contam com uma quantidade significativa de seguidores e são claramente declaradas antifeministas. O campo discursivo que norteia a discussão em torno dos comentários é de cunho machista, misógeno, preconceituoso e estereotipado. Os membros que seguem determinadas páginas se sentem à vontade para expor sua opinião e seus atos de fala livremente. Por saberem que não há nenhum tipo de repreensão por tal comportamento, os discursos de ódio são cada vez mais institucionalizados entre esses grupos, e seu alcance atinge um alto nível de disseminação, tendo em vista a abrangência da plataforma virtual em meio à grande massa.

Estabelecidas as redes sociais e os perfis das páginas que seriam estudados, partimos para a coleta dos dados em que a observação da materialidade linguística de nosso trabalho compreendeu o período de junho de 2016 a maio de 2017.

Os termos foram categorizados de acordo com o valor semântico e ideológico que ocupam frente ao contexto em que se apresentam. Para isso, na medida em que os exemplos forem sendo exibidos, exploraremos a noção de léxico e as imbricações morfológicas da construção de palavras presente nos termos.

Durante o processo de coleta de dados foram analisados duzentos e trinta e oito comentários nos quais foram observados ocorrências de termos depreciativos em diferentes formas: metafóricas, adjetivas, expressões lexicalizadas e *blends* lexicais. Entretanto, antes de procedermos com a investigação linguística desses itens na formação discursiva, importa-nos verificar a eventualidade com que eles se apresentam no *corpus* investigado. Vejamos as tabelas baixo.

Quadro 1: *corpus* ampliado – Expressões lexicalizadas

Expressões Lexicalizadas	Número de ocorrências nas páginas	Referências Metafóricas	Número de ocorrências nas páginas
<i>Mulher mal comida</i>	5	<i>Câncer</i>	4
<i>Mulher mal amada</i>	4	<i>Lixo</i>	2
<i>Doidas por um canavial de rola</i>	1	<i>Doentes</i>	4
<i>Falta de rola</i>	2	<i>Subespécie</i>	1
<i>Mula de duas patas</i>	1	<i>Monstros</i>	2
_____	_____	<i>Demônios</i>	1

Quadro 2: *corpus* ampliado – Adjetivação Pejorativa

Adjetivação Pejorativa	Número de ocorrências nas páginas	Adjetivação Pejorativa	Número de ocorrências nas páginas	Adjetivação Pejorativa	Número de Ocorrências nas páginas
<i>Vadias</i>	4	<i>Gordas</i>	5	<i>Porcas</i>	5
<i>Putas</i>	2	<i>Preguiçosas</i>	1	<i>Retardadas</i>	3
<i>Safadas</i>	2	<i>Barangas</i>	1	<i>Burras</i>	3
<i>Vagabundas</i>	1	<i>Bagulho</i>	1	<i>Canhão</i>	3

<i>Fedidas</i>	1	<i>Infelizadas</i>	1	<i>Frígidas</i>	1
<i>Cabeludas</i>	2	<i>Bigodudas</i>	1	<i>Peludas</i>	4

Quadro 3: *corpus* ampliado – *Blends* lexicais

<i>Blends</i> Lexicais	Número de ocorrência nas páginas	Truncamento; adjetivação Composição.	Número de ocorrência nas páginas
<i>Feminazi</i>	17	<i>Sapatas</i>	4
<i>Feministo</i>	9	<i>Sapatão</i>	2
<i>Feminujo</i>	1	<i>Chupa-charque</i>	2
<i>Femilixo</i>	1	<i>Grelo duro</i>	4
<i>Feminanta</i>	1	<i>Beiceira</i>	2

No levantamento inicial dos dados, extraímos o total de cento e onze ocorrências de termos que remetem à temática estabelecida para esse estudo. Os dados preliminares do *corpus* nos apontam características linguísticas de formação e ressignificação de termos no processo de categorização de palavras para o uso de estereótipos. É o que podemos notar no caso de termos como: “bigoduda”, “cabeludas” e “peludas” em que o sufixo adjetival *-uda*, que possui ideia de abundância, passa a ser conotado de forma pejorativa e irônica, atribuindo, assim, a ideia de que mulheres feministas não se depilam ou possuem pelos em excesso por se assimilarem fisicamente aos homens. A mesma “lógica” é usada nas palavras “sapata” e “sapatão”, o sufixo aumentativo desta: *-ão*, não mais esboça, neste caso, ideia de grandeza, como seria se fosse para designar um “sapato grande”, mas, sim, assume um tom jocoso usado para referir-se a mulheres lésbicas, por

sua vez, feministas. No caso de “sapatas” o que ocorre é o truncamento vocabular em que a vogal -a funciona, pois, como uma espécie de afixo de truncamento. O Truncamento reproduz parte da base, mas também se manifesta pelo acréscimo de uma vogal final nem sempre existente na palavra-matriz. As formações truncadas são responsáveis pela expressão do pejorativo, revelando o ponto-de-vista do falante sobre o que diz, chamando atenção de seu interlocutor para algo avaliado negativamente. No caso de “sapata” a conotação de mulher homossexual passa, então, a valorar, semanticamente, como se fosse um diminutivo de sapatão.

Nos exemplos descritos acima vemos que a atribuição de atributos masculinizados às feministas não ocorre por acaso. Essa associação dar-se pelo fato de que quando mulheres tomam atitudes que subvertem os padrões de uma sociedade machista, logo são associadas aos homens. “O homem é definido como ser humano e a mulher como fêmea: todas as vezes que ela se conduz como ser humano, afirma-se que ela imita o macho” Como afirma Beauvoir (1981 p.71).

Passemos, assim, à investigação de como esses termos se manifestam na plataforma virtual. No primeiro exemplo, a temática é liberdade sexual da mulher, representada através do *post* da página “ou você é mulher ou você é feminista os dois não dá”, em que, ironicamente, a página menciona um fato que envolve um dos ícones feminista, Frida khalo.

Acompanhemos os léxicos que surgem a partir desse contexto.

Figura 1. Exemplo 1



Os grifos nos mostram, além dos léxicos trabalhados no parágrafo anterior, adjetivações pejorativas como: “putas”, “safada”, “feias”, “desequilibrada”, etc. No decorrer de nossa investigação verificamos que essas construções são inerentes ao contexto da liberdade sexual da mulher, tida, por grupos de ideologia machista, como depravação social. Por essa ótica, constroem-se em torno das feministas a imagem leviana de mulheres “desequilibradas” por estarem seguindo tais posturas; se contrapondo, assim ao arquétipo do “ser mulher”, que “socialmente” envolve castidade, pureza, feminilidade, submissão e obediência.

Outros termos que não, necessariamente, estão ligados ao contexto de sexualidade, mas englobam a temática indiretamente, é a definição de mulheres feministas enquanto “porcas”, “gordas” “fedidas” “barangas” e “feias”. Isso porque a sociedade admite como padrão de beleza o modelo eurocêntrico, em que mulheres para serem consideradas bonitas, devem ser magras, possuir traços finos, cabelos lisos, pele clara e nunca, em hipótese alguma, ter pelos no corpo. Tudo que vá contra esse tipo de referência será tido como desleixo, sujeira, e desinteresse com a própria aparência. Características que esses grupos atribuem essencialmente às feministas.

Entendemos que quanto mais ultrajante é a forma de preconceito mais bem sucedida é a sua forma de persuasão. Dessa forma, os termos variam de lexias isoladas a termos agregados em expressões lexicalizadas com o propósito de amplificar a conotação da imagem estereotipada das feministas.

Agora, passemos a observar os exemplos abaixo, os quais correspondem, respectivamente, a postagens das duas páginas: “o retrógado” e “ou você é mulher ou você é feminista, os dois não dá”, ambas com *posts* de temática “associativa” ao movimento feminista, em que foram destacados os comentários mais relevantes para este estudo.

Acompanhemos.

Figura 2: exemplos 2 e 2.1 (respectivamente)

O Retrógado
6 h · 🌐

Meninas, isso é verdade?



514 · 38 comentários · 38 compartilhamentos

David [redacted] O bom das feministas, é que elas tem o suvaco cabeludo, assim é mais fácil, identificar e excluir do círculo de amizades.
Curtir · Responder · 4 · 6 h

Sergio [redacted] Discordo. Sou da tese contrária de que mulheres infelizes que geram feminismo.
O feminismo seria um grupo de ajuda para mulheres com baixa auto-estima.
Curtir · Responder · 7 · 6 h · Editado

5 Respostas · 5 h

Vinicius [redacted] infelizes, gordas, peludas e mal amadas... kkk
Curtir · Responder · 4 h

Aline [redacted] Mal comidas, pq ninguém quer né.
Curtir · Responder · 6 · 6 h

4 Respostas · 4 h

Cristiane [redacted] Doentes
Curtir · Responder · 1 h

Camila [redacted] Gera crianças infelizes criadas em creche. 😊
Curtir · Responder · 2 h

Rafael [redacted] Admita que vc fez esse post, pra zoarem as peludas mal amadas...
Curtir · Responder · 3 h

8 · 12:58

STOP FEMINAZIS Ou você é mulher ou é feminista, os dois não dá. compartilhou a foto de TODAS Fridas.
há 2 dias · 🌐

Aí meus olhos ;;;

TODAS Fridas
Boa noite.

Tarsila Amoras
6 de fev às 10:20pm · 🌐

Um dia eu li em algum lugar que homem não gosta de mulher. E é verdade. Homem bate em mulher, estupra mulher, mata mulher, humilha mulher, expõe mulher. Homem não gosta nem de nada que lembre uma mulher. Não pode usar tal coisa porque é "de mulher", não pode fazer tal coisa porque "parece uma mulherzinha". Homem gosta mesmo é de homem. Homem respeita homem. Se tu, mulher, estiver andando sozinha na rua, os homens vão te assediar. Se tu estiver andando com um deles, não. Porque eles se respeitam, não tem nada a ver contigo. Então a realidade é que: se não for nós por nós, ninguém mais será. **TODAS Fridas**

Compartilhado com: Público
há 2 dias

58 · 63

Escreva um comentário..

8 · 12:59

há 2 dias · Curtir · 3 · Responder

Daniely [redacted] Digita isso querendo mostrar que é a empoderadexxx, mas tá roida por um canalial de rola!
há 2 dias · Curtir · 3 · Responder

Suzana [redacted] "Todas frígidas"
isso sim...
há 1 dia · Curtir · 1 · Responder

Eloisa [redacted] Ela não falou nenhuma mentira, e eu não sou feminazi.
há 1 dia · Curtir · Responder

Eloisa respondeu · 2 respostas

Lú [redacted] Conversa de sapata querendo chupar numa pepeka.
há 18 horas · Curtir · 1 · Responder

Jorge [redacted] Lesbianismo + esquerdismo = feminismo! Esse lixo tem de ser combatido e retirado do meio da sociedade!
há 16 horas · Curtir · Responder

Escreva um comentário..

No primeiro *post* a publicação, tendenciosa, alude ao fato de que toda mulher feminista é “infeliz”. Esse pensamento é confirmado e legitimado nos comentários, em que as expressões: “gorda”, “peluda” e “infelizes” corporificam a ideia de que mulheres só se tornam feministas porque estão fora dos padrões “aceitáveis”, e assim sendo, elas são solitárias e incapazes de manterem relacionamentos com outras pessoas.

Já no exemplo 2.1 da figura 5 vemos que formações como: “mal amadas” “mal comidas” “doidas por um canavial de rola” são frequentemente empregados para deslegitimar o discurso das feministas.

A postagem discorre em torno de um discurso proferido por uma mulher, o qual desencadeia nos comentários o uso de expressões chulas e depreciativas com o intuito de deslegitimar e depreciar a imagem e o raciocínio proposto pelo discurso da militante. Vejamos que não é usado nenhum mecanismo de contra argumentação, não há fundamentações plausíveis que contestem a opinião emitida. Existe, apenas, o desejo, movido por representações mentais manipuladas, de desqualificar o discurso do Outro por meio dessas construções.

Percebemos que as expressões se lexicalizam e ganham o sentido por serem repetidas várias vezes, a princípio pode ocorrer ou não um estranhamento acerca dos termos, depois eles se tornam tão comuns para os falantes que ao proferirem nem percebem a organização estrutural.

Conseqüentemente notamos que a função primordial da criação lexical é fornecer “novos rótulos” para novas categorizações, ou seja, efetuar novas denominações tal como aponta Basílio (2004, p. 66-67). Partindo dessa vertente, entendemos que as construções apresentadas nos dois exemplos atendem à função morfológica atitudinal, isto é, expressam um ponto de vista que nos fornece indícios do perfil sociolinguístico de seus usuários. No contexto analisado das unidades lexicais formadas, vimos que os sintagmas passam a ser fixados, memorizados, entendidos e assimilados em conjunto sem levar em conta o sentido unitário de cada lexia. Assim, estes sintagmas se cristalizam pelo frequente uso, e contribuem para afirmação do estereótipo feminista na sociedade.

Ainda no segundo exemplo, temos a ocorrência do termo “feminazi”, que vem se popularizando cada vez mais entre os usuários das *fanpages*. Esse termo remete à analogia entre “feminismo” e “nazismo”, em que, numa associação distorcida, remete à postura de caráter, tida como extrema e radical, das feministas. Vistas como ditadoras e ameaçadoras, os discursos que levam o léxico “femininazi” acarretam a ideologia de que

mulheres que lutam por igualdade de direito são, em sua maioria, agressivas e misândricas.

No trabalho com o *corpus* investigado percebemos que “feminazi” é o dado que mais possui número de casos, totalizando 17 ocorrências. Percebemos, também, que esses termos vêm sendo empregados não só no meio virtual, mas também em outras esferas da sociedade. O que indica que dentro dos léxicos responsáveis pela formação do estereótipo feminista, esse é o mais utilizado entre grupos antifeministas. Outras derivações do termo ocorrem no mesmo campo semântico. Vejamos.

Figura 3. Exemplo 3



As construções “femilixo” e “femibosta” a princípio parecem meros cruzamentos óbvios de palavras pejorativas (mesclas). Entretanto, se recorrermos ao princípio etimológico da palavra “feminino”, vemos que ela agrega uma carga ideológica funcional desde sua origem; sendo, pois, seus derivados, resultados de processos, além de gramaticais, também, semânticos e ideológicos.

O termo *femina* do latim refere-se à “fêmea, mulher;” que advém de <*fides minus*, “menos fé”. Ou seja, os seres femininos foram assim denominados por possuírem menos fé que os homens, o que na época da criação dessa terminologia representava a inferioridade das mulheres. Tal conceito ainda hoje é apregoado e materializa-se através de práticas discursivas que corporificam a criação de termos pejorativos usando a mesma “lógica”.

É no campo da pejoratividade que as Mesclas encontram seu maior potencial de uso, revelando intenção depreciativa do emissor.

As Mesclas ou *blends* lexicais (GONÇALVES, 2005a) apresentam tanto função discursiva, como forma de novas unidades lexicais. Elas compreendem a união de duas palavras, sendo que a segunda é usada para complementar uma parte da primeira. Apresentam função lexical, uma vez que o produto é geralmente uma nova palavra na língua.

Temos, assim, em nossos exemplos a representação da função morfológica de rotulação em que em que duas palavras-valise (Alves 1990) são cruzadas e geram um novo léxico de sentido único. Esse sentido é apreendido e reproduzido por membros de grupos particulares com a finalidade de depreciação e tornam-se “modelos” de contestação de posicionamentos feministas. “cruzamentos constituem uma ‘área de formação de palavras, em que a inteligência pode ser recompensada pela popularidade instantânea” Crystal (1995, *apud* Gonçalves 2016:75).

Considerações finais

Vimos nesta pesquisa que o termo feminismo/feminista foi e é estigmatizado através do tempo pela essência revolucionária que ele preconiza. Construir formas discursivas de desmoralização é um método persuasivo que ocorre desde que as mulheres se rebelaram contra o sistema de opressão que as envolve. A hegemonia patriarcal procura manter o controle através dos mais diversos meios de dominação e, entre eles, o campo discursivo vigora na atualidade como sendo a principal ferramenta de cercear a voz das mulheres.

O uso crescente desse ambiente virtual possibilita mudanças nas formas discursivas de internautas que compartilham das ideologias propostas pelo tipo que vimos nesta pesquisa, em que seus seguidores possuem a mesma representação mental acerca do feminismo. Desse modo, o uso de expressões sexistas nesses ambientes é reforçado e constitui uma forma ilegítima de discurso justamente por reproduzir a desigualdade.

Inferimos em nossa pesquisa que a construção dos novos léxicos, neste contexto, é ideologicamente motivada e se forma, sobretudo, com a finalidade de rotular o destinatário. Ou seja, o propósito central dos discursos transmitidos através destas construções está focalizado na formação de estereótipos feministas.

Por fim, entendemos que a utilização de páginas virtuais aliada a conceitos de discriminação juntamente com a implantação do discurso de ódio, por meio da criação lexical de termos pejorativos, é uma forma de legitimar o machismo atualmente e, portanto, fazer com que os sujeitos o reproduzam sem perceber que esse discurso não é digno de apoio, comprovando assim a hipótese desta pesquisa de que a manutenção do controle de poder está distribuída nos diversos meios e, atua em diferentes formas, principalmente naqueles em que atinge uma parcela significativa da população.

Muitas destas informações coletadas poderão servir para estudos futuros mais aprofundados levando à maior compreensão do fenômeno, tendo em vista que há um número crescente de estruturas discursivas em andamento nos referidos meios de interação.

Pretendemos com este estudo mostrar que as ações discursivas usadas por grupos dominantes são ações ilegítimas e por isso devem ser combatidas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. *Neologismos*. São Paulo: Ática, 1990.
- AZEREDO, J.C. *Gramática Houassis da língua Portuguesa*. São Paulo: pubifolha, 2011.
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 2004.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo Sexo. Fatos e Mitos*. Vol 1. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1981.
- BIDERMANN, M.T.C. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FLÔRES, O. VERNES, Isabel. *O peso das palavras: estudo morfológico funcionalista*. Canoas, ed ULBRA, 2004. 120 P.
- GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.
- LEVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- O RETRÓGADO. Disponível em <https://www.facebook.com/o_retrógado/post/> acesso em: 17 de agosto de 16.
- OU VOCÊ É MULHER OU VOCÊ É FEMINISTA, OS DOIS NÃO DÁ. Disponível em: <[https://www.facebook.com/ou_você_é_mulher_ou_você_é_feminista, os dois não dá/post/](https://www.facebook.com/ou_você_é_mulher_ou_você_é_feminista_os_dois_não_dá/post/)> acesso em 30 de out de 2016.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1990.
- SANDALO, M.F.S. *MORFOLOGIA*. In: MUSSALIM, F; BENTES, A.C.(orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, São Paulo: Cortez, 2001. V.1.
- THAÍS AZEVEDO. Disponível em <<https://www.facebook.com/>> acesso às 00h25min em 22/07/2016.

TODO DIA UMA FÊMEA DIFERENTE PASSANDO VERGONHA. Disponível em <https://www.facebook.com/Todo-dia-uma-f%C3%A9mea-diferente-passando-vergonha-50-1444163222326286/>

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

Recebido em: 31 de jul. 2018

Aceito em: 29 de set. 2018